



Edições Colibri

COORD. GERAL
Sofia A. Carvalho

COORD. CIENTÍFICA
Annabela Rita
José Eduardo Franco

VOL. **1**

**As Biografias
no Pensamento
Português**

O FUNDAMENTO CRISTÃO DO HOMEM UNIVERSAL
EM DUAS BIOGRAFIAS DE TEIXEIRA DE PASCOAES:
SÃO PAULO (1934) E SANTO AGOSTINHO (1945)

Artur Manso*

UMinho - IE/CIED

O amor jamais passará.
As profecias terão o seu fim,
o dom das línguas terminará
e a ciência vai ser inútil (...)
Agora permanecem estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor;
mas a maior de todas é o amor.¹

Amã e faz o que quiseres. Se calares,
calarás com amor; se gritares, gritarás
com amor; se corrigires, corrigirás com
amor; se perdoares, perdoarás com
amor. Se tiveres o amor enraizado em
ti, nenhuma coisa senão o amor serão
os teus frutos.²

Acreditai até no que não há
E, esse impossível, esse nada, existirá!³

1. Duas décadas mediatam a publicação dos poemas maiores de Teixeira de Pascoaes, *Marânus*⁴ (1911) e *Regresso ao paraíso*⁵ (1912) e os volumes bio-

* amanso@ie.uminho.pt

1 S. PAULO, I *Coríntios*, 13, 8-13.

2 Santo AGOSTINHO.

3 Teixeira de PASCOAES.

4 *Marânus*, Lisboa, Circulo de Lettores [primeira edição: 1911], 1973.

5 *Regresso ao paraíso*, Lisboa, Assírio & Alvim [primeira edição: 1912], 1986.

gráficos que assinou de algumas personalidades cuja vida e pensamento muito o influenciaram. A elaboração das biografias surge ao lado de diversos textos autobiográficos, aos quais, de certa maneira, lhes serve de complemento. Mas, essencialmente, todos estes escritos são fundadores de um pensamento assumido que se impõe a Pascoaes como redentor da humanidade, em resultado da busca incessante que promove a via do regresso ao paraíso, do qual o indivíduo se encontra afastado.

Os textos biográficos e autobiográficos do poeta amarantino distinguem-se por marcarem as características da acção individual que pode garantir a comunhão de princípios e orientações que nos aproximem do desejado Homem Universal. O particular será um passo essencial nesta ascensão mas por si só nada garantirá enquanto quiser englobar o universal, ao invés de se integrar progressivamente nele. Como Pascoaes tão bem mostrou nos poemas redentores atrás citados, o caminho das trevas da noite para a luz do dia é árduo e perigoso, com várias armadilhas em todo o seu trajecto.

São apenas cinco os textos com maior ou menor carácter biográfico ensinados por Pascoaes. Das cinco personalidades escolhidas, um é estadista - Napoleão, e outro, português, Camilo Castelo Branco. Os restantes estão ligados a importantes momentos da afirmação do cristianismo, S. Paulo,⁶ S. Jerónimo⁷ e S.¹⁰ Agostinho⁸.

Aqui deixarei a minha interpretação da razão de ser desta escolha entre tantas figuras luminosas da humanidade. Em meu entender estas personalidades ligadas ao catolicismo cumprem um propósito no desenvolvimento do pensamento do poeta de *Marânus*, mesmo sabendo que não nutria qualquer espécie de consideração pelo culto religioso, estando mesmo afastado dos rituais da igreja nas suas manifestações mais particulares. Este esforço é redentor do seu convencimento, atendendo à quantidade de referências feitas ao longo da sua obra ao cristianismo e suas figuras marcantes, de ter encontrado na teoria e na acção desta doutrina bases sólidas para fundamentar a sua concepção de Homem Universal que sempre perseguiu.

Pascoaes, como ele mesmo se apresenta, é um poeta de uma intensa preocupação metafísica. Os seus textos de especulação são uma espécie de nota de rodapé ao fulgor da sua poesia e apenas querem explicitar melhor o verdadeiro sentido poético de tudo o que escreve. Para si a racionalidade está ao serviço da emoção e não o contrário, pois a essência das coisas só a poesia a pode revelar e qualquer discurso intelectual, por mais elaborado que seja,

6 S. Paulo, 1.ª edição, Porto, Tavares Martins, 1934.

7 *São Jerónimo e a trovada*, Lisboa, Assírio & Alvim [primeira edição: 1936], 1992.

8 *Santo Agostinho*, Lisboa, Assírio & Alvim [primeira edição: 1945], 1995.

nunca abandona o factual, o que se deixa ver, desprezando e colocando em lugar secundário os apelos da emoção e os caminhos que ela nos sugere. O poeta amarantino parece estar convencido de ter apresentado, com os seus poemas maiores, as linhas válidas para a redenção da humanidade, mas sabe que a intensidade onto-teológica da sua poesia dificulta a ascensão àquelas que se propõem iniciar esse caminho. Serve-se, então, das *anotações*, isto é, dos textos narrativos, para tornar mais claro e acessível ao funcionamento racional da compreensão humana princípios e intuições só alcançáveis pela "visão" do homem interior. Os textos narrativos reforçam que o essencial da vida só é dito pela poesia, expressão maior dos princípios onto-teológicos em que se funda a existência humana.

2. É portanto na procura "racional" de princípios universais que Pascoaes, cujo pensamento poético é devedor de todas as grandes narrativas mítico-poéticas da humanidade, nos apresenta exemplos de vidas que se identificam com a emoção da poesia. Privilegia as grandes narrativas da criação gregas e judaico-cristãs, na esperança de por elas conseguir os seus intentos, que ficam mais claros quando afirma que "O ideal da humanidade é a irmandade, a *Eclésia* (...) alcançar a maior consciência, o pleno conhecimento. O ideal é a Igreja na posse perfeita de Deus" (PASCOAES, 1934: 372).

Também Platão, o filósofo-poeta, quis racionalizar o mundo e o homem, doar um sentido lógico a tudo aquilo que nos rodeia e que se nos apresenta como uma manifestação natural do conjunto das nossas acções, através de explicações coerentes e razoáveis para os acontecimentos que vão marcando a existência. Contudo, chegando com frequência ao impasse de a razão se ver impedida de prosseguir o seu caminho, não forçou a natureza e serviu-se de uma explicação onto-teológica para resolver a dificuldade. Para não ser tentado pela emoção expulsou os poetas da República ideal, mas depressa recuperou as grandes narrativas míticas para sustentar o fundamental que a razão não lhe revelava. A razão explica até onde pode e já consegue muito, mas é vasto o conjunto de solicitações existenciais a que cada um é induzido e no limite da explicação racional estará sempre o complemento da visão poética que vê mais além, mesmo que os produtos das suas inquietações sejam desprezados pela mentalidade analítica. Platão quis excluir a poesia da sua construção filosófica, mas, paradoxalmente, não tardou a reconhecer que o essencial do pensamento só se torna mais compreensível pela emoção poética.

Pascoaes entendia que a categoria do Homem Universal só seria alcançada pela poesia. Na obra precisamente intitulada *Homem Universal*⁹ escreveu

9 *O homem universal e outros escritos*, Lisboa, Assírio & Alvim [primeira edição: 1937], 1993.

no prólogo que ali se trataria da vida e de quem a vive, isto é, o Homem, uma vez que "o drama da vida através da sua aparência social, é profundamente religioso. O destino do homem é ser a consciência do universo em ascensão perpétua para Deus" (PASCOAES, 1993: 5).

Como o poeta amarantino não reconhecia na Igreja instituída um discurso coincidente com o dos seus maiores representantes, que já tinha colocado no pedestal da santidade, servia-se da sua interpretação laica e, na confluência das obras e do pensamento dos mesmos, afirmava ter nascido "para flagelar os Santos (...) sou uma espécie de carrasco-poeta (...) seduzido pelas vítimas de qualidade transcendente" (PASCOAES, 1995: 23). Mas na verdade em nenhum momento isso acontece, como também, por possuir uma alma poética, não revela um espírito anticientífico. Quando teve que avaliar a totalidade da existência, concluiu que ela "não cabe numa balança ou entre os ponteiros dum compasso" (PASCOAES, 1993: 7), uma vez que o Homem e o Mundo se encontram intimamente unidos e por isso "Quando sofremos é o Universo que sofre, de tal maneira animicamente o possuímos" (PASCOAES, 1995: 212). Glosando o cógito cartesiano acrescenta: "Eu penso logo sou. Sendo, pertença à Natureza; pensando, é ela que me pertence. Percencemos um ao outro" (*ibidem*: 217).

Há, por isso, a continuidade do mesmo propósito entre o texto que dedicou a S. Paulo e aquele que escreveu inspirado nas *Confissões* de S.^{to} Agostinho. Disso mesmo nos dá conta no Epílogo deste último, datado de 1944, quando afirma "Este livro [*Santo Agostinho*]¹⁰, escrevi-o para os ateus inconformáveis ou idealistas, os ateoteístas, os que não cabem no passado nem no presente; e ambicionam um conceito da Divindade, fora desse campo antigo das imaginações fabulosas. Nem me dirijo aos crentes absolutos ou fanáticos, os milionários da Fé e da Bem-aventurança, mas aos pobres de Deus, que o procuram no deserto da vida" (PASCOAES, 1995: 347). E o ateoteísmo é o lugar onde repousa o bem e o mal, a crença e a descrença, a alegria e tristeza, o ódio e o amor, é enfim o garante da unidade das partes opostas. De certo modo é o verdadeiro lugar de Deus que para o poeta de *Marânus* depende da luta entre os que o negam e os que o afirmam. Desta luta é que ele surge, afirmado e negado, dramático e vivo, como aparecido sobre a terra (cf. *ibidem*: 335), já que "O Paganismo e o Cristianismo são duas actividades do Divino: a criadora e a redentora. A Mitologia, eis o Velho Testamento, a Introdução ao Evangelho joanino e às *Epístolas* de Paulo" (*ibidem*: 304).

O que resulta dos textos que dedica a Paulo e Agostinho, como também acontece com aquele que dedica a S. Jerónimo¹¹, o santo da sua infância (cf.

PASCOAES, 1992: 6) que se aplicou "aos estudos teológicos e filosóficos, embora fosse mais poeta que filósofo" (*ibidem*: 147-148), é uma grande identificação com todos eles enquanto figuras maiores do cristianismo e inspiradores de uma teologia universal que Pascoaes vê representada no Panteísmo. Estes homens elevados à santidade são seres em cuja vida e acção se reencontra o divino na natureza. Como nos diz em *S. Paulo*: "Quando acredito em Deus, não sou eu (o eu é apenas um sinal) que acredito: é o Universo, em mim, presente. É o próprio Deus que, em mim, se reconhece, ou, antes, Deus reflectido, em mim, feita imagem transitória, como a do sol na onda" (PASCOAES, 1934: 206). A crença em Deus é um acto agregador de revelação interior, mas obrigatoriamente mediada pelos órgãos dos sentidos que nos põem em contacto com a materialidade na medida em que "Crer é ver interiormente. A crença e a visão representam duas experiências de igual valor. São dois instantes vivos, no meu ser, da Eternidade e do Infinito" (*ibidem*).

Com as biografias aqui comentadas, das quais não se podem separar os muitos elementos autobiográficos que contém, cruzam-se diversos testemunhos: os que nos dá destes santos e o que da sua biografia e do seu pensamento inclui nesses textos, juntando três personagens nascidas em lugares, épocas e ambientes diferentes e distantes: Tarso - Tagaste - São João de Gaão.

3. A biografia de Paulo escrita pelo poeta de Amaranante dá-nos a conhecer as fases principais da evolução da sua vida e pensamento, mas, essencialmente, reflecte a sua luta entre o bem e o mal, tal como a interpretação que nos dá das *Confissões* agostinianas, dois espíritos que em épocas diferentes começam por perseguir o cristianismo, acabando por se tornarem os seus pilares fundamentais: Paulo contra todas as suas expectativas funda o cristianismo, de seguidor passa a principal seguidor. É o seu grande teórico e principal pregador. O seu esforço exegético para fixar a nova doutrina transformou-o num grande autor da literatura grega, assinando alguns dos mais belos textos da literatura universal de rara beleza poética, de que se destaca a primeira *Carta aos Coríntios*, que irão servir de fundamento teleológico ao cristianismo. São treze as cartas que escreve, algumas das quais quando esteve preso. Agostinho é o sintetizador das doutrinas cristãs e o teólogo que estabelece os Fundamentos da Igreja católica. Tal como Paulo, começa por ser perseguidor implacável do cristianismo e só mais tarde, de forma gradual e não tão fulgurante como o santo de Tarso, se irá aproximar da fé católica. Homem de inteligência rara e verbo poético apurado, inaugura o método autobiográfico. As suas *confissões* estão impregnadas de poesia e nelas faz mais que um balanço da sua vida, transformando-as num verdadeiro poema de engrandecimento de Deus e da humanidade. Desta forma, ambos coincidem na pers.ª: a ideal que vieram a abraçar, na meditação, na modificação da vida, no pecado que precedeu

¹⁰ *Santo Agostinho*, Lisboa, Assírio & Alvim [primeira edição: 1945], 1995.

¹¹ *São Jerónimo e a trovada*, Lisboa, Assírio & Alvim [primeira edição: 1936], 1992.

a conversão à santidade. Ambos valorizam a experiência e os erros cometidos nas diversas etapas percorridas ao longo do caminho para a Virtude. Em todos os momentos das suas vidas estão convencidos de que a santidade não é uma graça mas sim uma incessante procura. Para ambos, o valor da caridade, ou amor, é muito semelhante, pois, como afirma em S. Jerónimo, “O amor só é divino depois de Cristo... Cristo é que é Deus como o sol é sol” (PASCOAES, 1992: 22). Partem do mesmo húmus, uma juventude rebelde atástada da santidade, até ao dia em que as suas vidas nunca mais serão as mesmas. As semelhanças e as diferenças de ambos os percursos leva o poeta amarantino a dizer: “A conversão de Paulo é um acontecimento cósmico. Passou-se na estrada de Damasco e na Via Láctea. A de Agostinho não foi fulminante, catastrófica. Não teve repercussão terrestre nem celeste, apenas romana” (PASCOAES, 1995: 304-305). E reforçando a personalidade agostiniana afirma que “Agostinho era um africano helenizado, ou sensual intelectualizado, uma inteligência ébria do espírito da Vida, isto é, um Poeta genial” (*ibidem*: 308).

Paulo nasceu entre 5 e 10 da era cristã, ainda no luto de Cristo e no início da revolução que a sua acção e pensamento começavam a gerar. Pascoaes dá-o como desaparecido na altura do grande incêndio de Roma, no Verão de 64 (cf. PASCOAES, 1934: 427), mas de facto viria a sofrer o martírio perto dos muros de Roma, no ocaso do reinado de Nero, ano de 67. Para Pascoaes “Paulo é o ser eterno, o *homem novo* ou perpetuamente a renovar-se, o europeu insubordinável a leis constantes ou fórmulas imutáveis” (*ibidem*: 426). Paulo, o hebreu convicto, perseguia os cristãos por os considerar hereges e ameaça séria ao judaísmo. É a sua experiência interior que o torra um homem novo e também um dos mais feroces defensores do Evangelho, tal como se apresenta na abertura da *Carta aos Romanos*: “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para o evangelho de Deus que ele já tinha prometido por meio dos seus profetas” (*Romanos*, 1, 1-2). Paulo é contraditório, paradoxal, o que muito agrada ao poeta amarantino.

O papel da mulher é central na fundação do cristianismo. Já o tinha sido quando Cristo pregou e durante a sua paixão e morte e continuará na tarefa dos apóstolos. Pascoaes porá em destaque esse facto, tornando-o basilar nos textos que aqui comentamos. Para si foi a mulher “que humanizou a Divindade, como, no seu ventre, humaniza as forças misteriosas da Natureza. É no seu ventre que os espectros encarnam, ou oriundos, como nós, da sombra da terra que devora a lua, ou do Espírito Santo, como Jesus” (PASCOAES, 1934: 287). E as mulheres de Paulo foram Lidia, que provia ao seu sustento, mas também Drusila, Cloé, Priscila, bem como Berenice, a amante/irmã do rei Agripa. As de Agostinho também foram muitas a quem se uniu carnalmente, mesmo que depois da conversão não as queira recordar. Apenas a sua mãe

Mónica, de quem se considera um prolongamento espiritual, ocupa um lugar inigualável na sua vida, a quem presta um culto desmesurado, tornando-a na personagem central das suas *Confissões*. Mas também há as mulheres de Jerónimo, Paula, Marcela, Eustóquia, Blésila, Fabíola, Léa, Melânea, dirigindo a algumas das quais as mais belas epístolas que escreveu. Pascoaes continua assim a tradição que atribui à mulher um papel central na fixação do Cristianismo. Os aspectos negativos de ambos os santos não os considera, nem sequer refere as muitas passagens em que rebaixam a mulher e desaconselham a sua companhia. Entre o hino do amor e o louvor da castidade e desprezo da mulher, destaca o primeiro e ignora o segundo.

Paralelamente ao desenvolvimento do pensamento de Paulo, Pascoaes coloca-lhe Lucrecio (c. 94 a. C. - c. 55 a. C.), o poeta-filósofo epicurista que se deslumbrava com o espírito científico como deixou expresso no poema *De rerum natura* (*Da natureza das coisas*) onde nos apresenta uma visão atomista da realidade e condena o seu aspecto ilusório. A natureza estava à frente do indivíduo e a sua contemplação, juntamente com a tentativa de uma explicação mecânica de todos os fenómenos que nela ocorrem, são uma preocupação neste escrito, mesmo que fragmentado, da sua autoria. Aqui o homem é descrito como um ser totalmente livre pois tudo o que acontece à sua volta é explicado pelos átomos e não pela providência. Aconselha, por isso, a que o indivíduo aproveite a vida e usufrua da Natureza sem recear o castigo dos Deuses pois a vida acabará definitivamente no momento da sua morte. Paulo, está no lado oposto. É o profeta da vida depois da morte, tal como Lucrecio é o profeta da contemplação da natureza. Como nos diz Pascoaes “A poesia é o reino da Verdade, como a Realidade é o da Ciência (...) A poesia é de S. Paulo como a ciência é de Lucrecio” (cf. PASCOAES, 1934: 11). Os dois tornam-se determinantes no pensamento do poeta amarantino por apresentarem os opostos que é necessário reunir. Paulo é a luz, o social, a vida, a esperança enquanto Lucrecio, representa a sombra, o individual, a morte, o desespero. A mensagem de Paulo é a continuação do lamento de Lucrecio, mas agora com um sentido e uma determinação: a esperança não só é possível, como tem um referente humano, Cristo. No escrito dedicado a Agostinho reforça que “Sem teologia não há sociologia. Eliminam-se muito cientificamente, as ideias teológicas de responsabilização e liberdade, e temos uma colecção de tigres e antílopes, em plena selva. Daí o cultivarmos, por instinto social, a mentira, o engano, a ilusão e outras flores, não retóricas, mas celestes” (PASCOAES, 1995: 287). Mas Paulo instaura também o individualismo, característica central para Pascoaes: “*Sou eu! Sou eu!* É o grito de Paulo repercutido em cada ser. Cada ser é ele mesmo, absoluto e perfeito, imortalizado em Jesus Cristo, que venceu a morte, e é o ponto de eterna reunião e convivência, o sol dos mundos” (PASCOAES, 1934: 421).

4. Pascoaes o poeta afastado da vivência religiosa, ou o religioso sem Igreja, mostra-se reconhecido aos ensinamentos paulinos e aos fundamentos que propõe para a existência, mesmo que a religião só lhe interesse enquanto "Revelação instintiva ou consciente (poesia pura e ciência pura); e não como regra de conduta... Deus é além de tudo, o espírito criador; e o homem, antes de tudo é o ser" (PASCOAES, 1934: 16), complementando mais à frente "O Cristianismo, sendo a última religião, é uma religião definitiva e ao mesmo tempo, indefinida, como os seus elementos: a dor e o amor" (*ibidem*: 24). A dor e o amor aparecem assim como eixos maiores da renovação existencial, a dor explorada pelos seguidores de Lucrecio e o amor por todos aqueles que aderem à proposta de Paulo. O cristianismo é religião universal pela forma como se impôs no seu início, mas também pelos movimentos que foi gerando ao longo dos tempos. Nesse desenrolar o autor de *Marânus* destaca o franciscanismo que considera "uma ampliação do Cristianismo, um lago feito oceano ou dilúvio universal. O *canto das criaturas* é o sermão da montanha mudado num Cântico infinito. Como o Apóstolo, o Santo de Assis é o mesmo Cristo, mas presente em todos os seres dolorosos" (PASCOAES, 1995: 69). Novamente é a divinização da natureza ensaiada pelo santo de Assis que se torna central no elogio de Pascoaes.

Paulo e Lucrecio, como Jerónimo, o seu amigo inseparável, e Cícero, o místico e o humanista, são os seus companheiros de estrada: "Como Paulo é da minha paixão, Jerónimo é da minha simpatia. Paulo é o amor dramático; Jerónimo a lírica amizade. Este santo, como aquele, tornou-se-me tão íntimo, que adquiriu, em mim, uma presença incompatível com o invisível" (PASCOAES, 1992: 6). Cada um por si, representavam metade do problema que Pascoaes quer resolver por inteiro. Em *S. Paulo* o poeta amarantino mostra-se convicto de que "Ciência e religião desenvolvem-se como duas paralelas que se tocam no Infinito" (PASCOAES, 1934: 49) e o Homem Universal que procura será o produto dessa junção: o ser que ama, que quer, que vive nos prazeres do dia-a-dia, mas que se manifesta insatisfeito com as promessas da ciência. O indivíduo é um ser especial que no imediato não encontra a tranquilidade e tem por isso que a projectar para uma outra dimensão de que a ciência não lhe pode falar. Paulo e Agostinho, expoentes da afirmação da vida, da valorização do individual, mostram-se conscientes da irracionalidade e, não raras vezes, do absurdo. O esforço do indivíduo que busca a sua integração na Natureza, isto é, em Deus, é um esforço quotidiano, lembrado por Lucrecio ainda antes da nossa era, mas também por Dante, Shakespeare, Nietzsche, Dostoiévski... irmãos no sofrimento, simultaneamente crentes e descrentes do valor intrínseco de cada indivíduo e da sua vontade para construir a felicidade e reencontrar o seu lugar no Todo. O cristianismo pretende,

então, "Melhorar o Mal e não piorar o Bem, elevar e não rebaixar, eis o sub-lime ideal do Cristianismo" (PASCOAES, 1934: 112). Na tarefa de fundar a doutrina cristã, Paulo tem, a um lado, a memória de Estêvão, o primeiro mártir da nova igreja e o fogo que lhe consumiu o corpo é o mesmo que agora incendia o seu verbo. Do outro lado está Lucrecio, o epicurista pagão que aconselha a descer no poder da divindade. No meio está Paulo que depois de cego viu Cristo e quando voltou a ver pôde, então, constatar porque é que nesta vida só "vemos como que em espelho" e só depois de abandonarmos a realidade poderemos ver "face a face", "conhecer como somos conhecidos". Abandonada a luz da sombra e depois de retornar à sombra da luz, Paulo passou a ter uma existência paradoxal e tudo fez para mostrar a cada indivíduo a bondade da nova pregação assente na caridade e amor infinito que Cristo nos quis ofertar a troco de nada. O poeta de Amarante considera que "O Cristianismo, concebendo o encontro das almas no Senhor, é a maior vitória alcançada pelas forças transcendentes, num mundo que é só matéria bruta. E é a religião eterna da Verdade. A Verdade é o espírito amoroso, como a Realidade é matéria hostil" (PASCOAES, 1934: 322). A pregação de Paulo "trazia consigo um novo Deus, o deus do amor e da caridade, humanizado até à morte, divinizado até à ressurreição o Cristo do Calvário e o Jesus do Olivetti tão diferente dos deuses pagãos abstractos e longínquos, símbolos mortos da vida" (*ibidem*: 327-328). Ao poeta amarantino não restam dúvidas de que "Foi o amor que transformou os deuses em Deus, e pretende transformar os homens no Homem, naquele protótipo idealizado, que é Jesus Cristo" (*ibidem*: 344).

5. A Universalidade desse paradigma de Homem de que Pascoaes nos fala tem eco no próprio percurso do santo de Tarso: "Paulo morreu judeu e ressurgiu homem. O homem só o é no instante em que visiona a Divindade" (*ibidem*: 66), tendo sido "a partir dessa morte e ressurreição que deixou de haver judeus, gregos e romanos. Apenas há o homem. Não há nações: há o mundo" (*ibidem*: 66). A morte e ressurreição a que aqui se alude é fortalecida com outro episódio que terá marcado a sua vida: o martírio pela terceira década do primeiro século de Estêvão, o judeu, tal como Paulo, convertido, que o Apóstolo terá presenciado e tido alguma participação no mesmo. A lapidação do primeiro mártir da igreja, um judeu convertido da primeira comunidade cristã de Jerusalém, mostrará a Paulo o absurdo de uma peregrinação baseada no preconceito e nos rituais ancestrais. Ainda mais reconhecendo a extrema bondade e disponibilidade de Estêvão pelo próximo, amor incondicional que se justificava na pregação de Cristo. Paulo precisou de perder a visão para começar a ver, pois, efectivamente, ao amor de Deus só se acede por uma renovação interior. Disso mesmo está convencido Pascoaes

quando nos diz “Os seres que se tornam essenciais, não se distinguem do nosso ser. Eles e nós respiramos o mesmo ar, ocupamos o mesmo espaço, e uma só consciência nos eleva acima da paisagem” (*ibidem*: 75). Estêvão era essencial quando Paulo o perseguiu e foi o seu exemplo que serviu ao apóstolo para suportar todos os ataques a que viria a ser exposto. Mais que o remorso ante o martírio de Estêvão, Paulo quis dar testemunho da grandeza do mártir que pelo amor de Cristo e com Cristo deu a vida para que pudesse haver mais vida.

Pascoaes considera que “Houve uma hora em que o mundo foi dado aos poetas – a hora de S. Paulo” (*ibidem*: 85), que inaugurou uma nova poesia, a poesia da humanidade, juntamente com tantos outros poetas antigos sobre os quais meditou longamente: Homero, os trágicos e todos os outros, e quis com Lucrecio encerrar esse tempo de elogio à natureza, mas de uma materialidade excessiva, que condenava o Homem a um mero composto que findaria com a morte. Paulo, que também é um homem desesperado, fez da caridade cristã o centro da sua pregação e com ela abre a necessidade de redenção e reencontro com a natureza. Lucrecio encerra a poesia da condenação e do desespero anterior ao Evangelho, enquanto Paulo inaugura a poesia do tempo novo, a poesia da salvação e da integração de todos os seres.

O poeta de Amarante não podia ser mais claro: “A união das criaturas, no amor ou na caridade será a igreja de Cristo, católica e apostólica; o corpo vivo de Cristo no mundo” (PASCOAES, 1934: 233), e para afirmar ainda mais a sua crença na doutrina cristã escreve: “A acção do Cristianismo consiste em criar o Homem nos Homens. Daí a sua verdade imortal” (*ibidem*: 235), apropriação que se torna mais relevante quando diz que “O Cristianismo é um regresso à Origem, ao espírito que da morte tira a vida e da pobreza a riqueza” (*ibidem*: 278); para mais à frente concluir que “O Nazareno, sim, esse esposo da dor humana, morto pelos homens, ressuscitado pela mulher; um deus que amou até à compreensão absoluta do Pecado, até ao perdão absoluto, que é a inocência e o crime equivalendo-se, vistos em substância originária ou em verdade eterna” (*ibidem*: 280). É também graças a realizações práticas que o cristianismo ganha força e se torna em religião universal porque “O Império uniformiza-se, cortado de belas estradas, abertas a todos os viandantes e a tudo o que eles trazem na cabeça: a maior confusão de ideias morais, filosóficas e religiosas, de onde sairá a forma definida e definitiva do Cristianismo” (*ibidem*: 304). S. Paulo encarna em si aquilo que prega: sem os outros nada sei e a universalidade da nova religião é conseguida através de uma síntese de todas as ideias, teorias, modos de entender, formas de ver e sentir, pois o cristianismo “É um calor anímico, vivo, comunicativo, que será traduzido em luz perfeita, quando subir do coração de S. Paulo à cabeça de S.^{to} Agostinho e S. Tomás” (*ibidem*: 310).

6. Pascoaes considera que “O Cristianismo, ao contrário do Paganismo, não é uma Estética. Quem trouxe a Ética para o campo divino foi Jesus Cristo, o Deus da economia celeste e da terrestre. Dar os bens materiais em troca da bem-aventurança é uma parte integrante da religião cristã” (PASCOAES, 1995: 93). Agostinho interessa-se pelo “mundo moral, os fenómenos temporais ou subjectivos, de que resultam as boas ou más acções. Eis o assunto da sua obra prima, essa autobiografia crítica e mística” (*ibidem*: 93), as *Confissões*, escrito maior do bispo de Hipona onde resulta patente o conflito entre o bem e o mal, o pecado e a virtude, o erro e a verdade. Opostos de uma realidade a que se dá pelo nome vida e em que cada um é convocado não para eliminar nenhuma das partes, mas sim para as integrar num projecto comum. O Indivíduo só se poderá integrar plenamente na humanidade se for capaz de fazer a síntese dos opostos e colocá-los lado a lado, no esforço da integração de todos os seres. Por isso mesmo Pascoaes considera que “O idealismo cristão é o único perfeito, porque soube extrair da nossa vida o que ela continha de belo e amável, de aéreo e subtil, de ternura e melancolia” (*ibidem*: 104). O cristianismo sem igreja é, para Pascoaes, o ideal da religião e por isso lamenta que o lado poético das *Confissões* tivesse sucumbido ante a monumentalidade da obra teológica e filosófica que o génio e inspiração do bispo de Hipona veio a construir: “Agostinho esforçou-se para contrariar o seu lado poético ao tentar subordinar a razão à fé” (*ibidem*: 223), enquanto Paulo faz do homem “a matéria prima da sua obra. Trabalha aquele barro, amassado em lágrimas e sangue, tendo um modelo ideal diante dos olhos: Jesus Cristo. Vai-lhe sair das mãos um novo tipo humano, o cristão, a estátua humana de Cristo, em mármore de deusas e deuses. É o *homeno novo*, o *europeu*, espiritualista e individualista; ele no meio dos outros e cada um dos outros em si mesmo” (PASCOAES, 1934: 89). Em ambos, o poeta amarantino elogia o universalismo que o catolicismo tão bem soube fundamentar, mas continua a não prescindir do carácter individual de cada um na descoberta da totalidade. A espiritualidade é um esforço interior de cada indivíduo que antes de se reconhecer como espírito está encerrado num corpo. O tempo antigo que era estético tornou-se, com o cristianismo, em ético: “O antigo foi estético e dissolveu-se em tédio, no poema de Lucrecio. O moderno é científico, e aspira a um predomínio absoluto” (PASCOAES, 1995: 42). Esta mudança de paradigma é apenas aparente, uma vez que representa a evolução do conhecimento científico e o lugar central, quase asfixiante, que ocupa na actualidade. Pascoaes estava convencido de que “Toda a arte sem Deus é decorativa, como a ciência sem filosofia é indústria; e o homem sem alma é simplesmente automóvel, uma espécie de *blague* ou ironia do Acaso” (PASCOAES, 1992: 137).

Esta metamorfose tem-se imposto desde a antiguidade clássica e a uma personalidade complexa como “Agostinho um espírito, mas profundamente comovido, isto é, profundo. Sedu-lo a realidade humana e a não-humana, o mundo interior e o exterior, o das feras e das árvores e o do ódio e do amor” (PASCOAES, 1995: 46). Pascoaes considera que “O Cristianismo é uma religião essencialmente psicológica ou dos escravos, que, por fatal necessidade penetraram na intimidade dos senhores. Mas, estes, por falta de tal necessidade, não penetraram na dos escravos. Daí o sucesso da revolução francesa” (*ibidem*: 46), alvoro dos direitos individuais e da laicização da vida. No fundo é sua convicção de que “Se o poder criador nos levou ao Paganismo, leva-nos ao Cristianismo a nossa faculdade crítica, à conversão do amor próprio no do próximo, e da sensualidade em castidade” (*ibidem*: 58). Pascoaes não quer subsumir o interesse estético do paganismo à caridade ou amor cristão. Para si a sensualidade não se deve submeter à castidade e esta por sua vez não pode determinar uma maneira de ser que não é própria do Homem. Ambas são importantes e complementares. Cada uma por si representa apenas uma parte da Humanidade, uma vez que “O homem é alma e corpo, criatura e criador, o pintor e o retrato, na mesma tela (...) o orgulho é uma forma nic-tschiiana do infinito, e o amor é a sua forma franciscana” (*ibidem*: 82). Os seus olhos de religioso sem igreja mostram-lhe que “É o mistério da unidade do ser em que todos os animais se transfiguram em homem, e todos os deuses em Jesus Cristo” (PASCOAES, 1995: 169) ou “A redenção da humanidade será a redenção de cada homem” (*ibidem*: 275). Ainda na opinião do autor de *Martínus* “A educação grega e o gênio bárbaro favorecem a ideia cristã: aquela positivamente, por cepticismo liberal; esta, em virtude das suas qualidades espontâneas de natureza emotiva; uma agindo e outra não contrariando a acção” (PASCOAES, 1934: 129).

7. O pantalista Pascoaes acreditando que “Nós e a Natureza somos o mesmo sonho ou ilusão de Deus” (cf. PASCOAES, 1992: 155) escolhe sempre o lado paradoxal e destaca a visão pessimista das personagens que escolhe biografar. Propõe-se conciliar o apolíneo e o dionisíaco, mas a sua escolha é clara: o lado negro da existência impõe-se-lhe em relação ao luminoso: “Tenho uma virtude que eu imagino comum a várias almas: admito a grandeza e a beleza. Mas não há grandeza sem Deus, nem arte sem Beleza” (*ibidem*: 7). Notemos que parte da sua obra é assim denominada: *À minha alma* (1898); *Terra proibida* (1899); *Jesus e Pã* (1903); *Para a luz* (1904); *As sombras* (1907); *O sentido da vida* (1907); *Senhora da noite* (1909); *O doído e a morte* (1912)... Os autores que nesta linha escolhe pôr lado a lado, Paulo, Jerónimo e Agostinho, são poetas-filósofos trágicos. A obra de todos coincide com a tentativa de integrar o Indivíduo na natureza, concluindo que o peso maior

no quotidiano da vida é o do trágico, degraú obrigatório na caminhada de cada um rumo ao Todo, ao seu reconhecimento com a Natureza. Nas páginas que dedica ao fogo de Roma e da sua contemplação por parte do seu suposto autor, Nero esse louco que competiu lado a lado com Paulo, um disputando a primazia do espírito sobre a matéria, o outro apenas acreditando na facticidade que o quotidiano lhe apresentava, torra-os a seus olhos igualmente culpados pela destruição de Roma pelo fogo purificador, indiciador do tempo novo que se profetizava. A pregação de Paulo ia transformando interiormente os habitantes de Roma, tal como a absurdidade dos actos que Nero ia originando. Pascoaes dá Paulo como desaparecido no incêndio de Roma, mesmo que o seu martírio tenha acontecido três anos depois. O poeta amarantino terá, assim, querido pelo fogo renovar o tempo conciliando os opostos que as vontades de Paulo e Nero representavam.

As páginas que dedica ao martírio dos cristãos que se seguiu ao incêndio, eles que se tornaram o bode expiatório da enorme catástrofe e foram literalmente lançados às feras para gáudio de uma multidão enlouquecida pelo ódio aos seus semelhantes, são também uma demonstração de como Pascoaes era sensível ao sofrimento humano e o considerava uma espécie de peregrino de todos os tempos e lugares. O problema do Mal torra-se central no *Universalismo pascoaliano*, à semelhança com o que já tinha acontecido com S. Paulo e S.^o Agostinho, pois como nos diz em S. *Jerónimo* “O homem é sublime enquanto ergue a voz ao céu, cantando e mais sublime ainda se for inútil o seu canto... o sublime é de natureza trágica” (PASCOAES, 1992: 78). Em S. *Jerónimo* também dá expressão à apologia da vida trágica procedendo, nos derradeiros capítulos, a uma demorada descrição da invasão e conquista de Roma pelos Bárbaros, comandados pelo rei visigodo Alarico (cf. PASCOAES, 1992: 370-410), primeiro líder germânico a conquistar e saquear a cidade de Roma, feito ocorrido no ano de 410.

Outro valor fundamental cristão que está sempre presente na obra do poeta amarantino é o amor: “O deus do sexo forte é Marte ou Mercúrio, o deus do saque e do massacre; mas o deus das mulheres é Jesus Cristo, nascido da mulher e da cruz, duplamente encarnado e humanizado; encarnado, em Jesus, pelo amor e, em Cristo pela dor” (PASCOAES, 1992: 80).

Paulo e Agostinho são duas referências incontornáveis do universalismo que Pascoaes procura, tal como o paganismo grego e romano. Como escreve nas páginas finais do S. *Paulo*: “O mundo foi da Poesia nos primeiros séculos da nossa era. Repetir-se-á o milagre? Voltará o deus dos poetas contra os sábios que só acreditam na matéria, e com ela fabricam explosivos, gases asfixiantes, máquinas pavorosas? Nesta orgia industrial moderna, paródia em ferro e vapor, da orgia pagã, o homem está morto ou isolado do seu espí-

rito. Existe mas não vive” (PASCOAES, 1934: 424). Sem a poesia “O homem desviado do seu destino, que é tornar-se consciência universal, perante o Criador, mente à sua própria natureza e perde a razão de ser” (*ibidem*: 424). Já na terceira década do século XX, às portas de mais uma tragédia sem precedentes a que a segunda guerra levaria a Europa, Pascoaes continuava confiante na mensagem do cristianismo: “Destruída a fábrica pagã, teremos a igreja de Cristo, a confraria dos irmãos, o convívio universal e amoroso (...) Confitemos no Deus de Paulo” (*ibidem*: 425). E poderíamos nós continuar a dizer com o grande poeta amarantino: “Prefiro o caminho rústico à estrada científica. Prefiro o caminho aberto, através da noite, pelas pegadas sangrentas e luminosas de Cristo, que é o nome de todos os que sofrem e amam, de todos os que se sentem vivos num mundo morto” (PASCOAES, 1992: 204).

O DRAMA DA CONVIVÊNCIA: O SANTO AGOSTINHO E O PENSAMENTO TEOLIBERTÁRIO DE TEIXEIRA DE PASCOAES

Pedro Martins

Universidade de Lisboa

O problema humano da convivência, já abordado por Teixeira de Pascoaes n’*O Homem Universal*, revela-se obsidiante no *Santo Agostinho*, de 1945. No fundo, está em causa o inevitável feixe de questões suscitadas pela coexistência dos indivíduos no seio de um qualquer grupo social. Escreve Pascoaes: “Toda a convivência é um conflito. Que é a vida social e familiar? Que é a existência? Pancadaria geral, choques, explosões, o modo como convivem os átomos e as pessoas, *quantus* de energia consciente e inconsciente.” (*Santo Agostinho*, 1995: 64.)

Drama é a palavra que Pascoaes mais emprega, em diversos passos deste seu livro, para caracterizar o conflito (1995: 137, 143, 198). E, numa comparação tão expressiva quão pessimista, chega mesmo a afirmar: “Ao lado deste drama é um idílio a *Guerra Civil*, de César, a *Revolução Francesa*, de Carlyle” (1995: 198). À convivência, o poeta reputa-a ainda de “tremenda”, reputando de “tragédia” o drama que a envolve (1995: 198, 201).

A solução do problema pode passar pela *consideração* dos termos da triade herdada da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, tal como eles nos surgem harmonizados no seu pensamento poético. É este o exercício que me proponho esboçar.

Uma frase lapidar de Sampaio Bruno, n’*A Ideia de Deus*, dá-nos em admirável síntese o pano de fundo em que se inscreve a reflexão do nosso poeta: “(...) a Liberdade sem a Igualdade e a Fraternidade não passa de Egoísmo” (Sampaio Bruno, 1998: 107). Pascoaes, pela sua parte, não se refere abertamente ao ternário sagrado de Saint-Martin. Mas, no *Santo Agostinho*, faz-lhe uma alusão evidente – quando escreve o seguinte: “Dizer caridade, justiça, liberdade, é esboçar três mulheres, uma, triste, outra, cega, outra, doída. E temos a moeda, a balança e o barrete frígio” (1995: 204).